

APROXIMAÇÃO HISTÓRICA DA TEORIA CRÍTICA AO ELEMENTO DA SUBLIMAÇÃO

HISTORICAL APPROXIMATION OF CRITICAL THEORY TO THE ELEMENT OF SUBLIMATION

<https://doi.org/10.26512/rfmc.v12i1.52450>

Alan David dos Santos Tórma
Universidade de Brasília

<http://lattes.cnpq.br/0221093627340810>
<https://orcid.org/0000-0003-4346-9485>
panico_alan@hotmail.com

Possui graduação (2015) e mestrado em Filosofia pela Universidade de Brasília (2017). Doutorando em Filosofia (2018-) pela Universidade de Brasília. Sua pesquisa tem como ênfase o debate contemporâneo, atuando principalmente na área de Ética e Filosofia Social e Política, com foco na obra de Adorno e no legado da Teoria Crítica, percorrendo temas como dialética, ética, filosofia política, linguagem e psicanálise.

RESUMO

Neste trabalho abordaremos a aproximação histórica da primeira geração da Teoria Crítica – principalmente Adorno, ao lado de Horkheimer e Marcuse –, ao elemento conceitual da sublimação. Veremos como o contexto histórico do início do século XX proporcionou a junção da psicanálise freudiana ao marxismo e como alguns precursores já visualizavam o potencial do conceito de sublimação como crítica social (1). Em seguida, como relação da primeira geração da Teoria Crítica com a psicanálise não era apenas, na primeira metade do século XX, de interação em um contexto comum de discussão, mas era também institucional, perceberemos de que maneira a sublimação é operacionalizada na crítica sociocultural dos frankfurtianos (2).

Palavras-chave: Teoria crítica. Psicanálise. Freud. Marx. Sublimação.

ABSTRACT

In this work we will address the historical approximation of the first generation of Critical Theory – mainly Adorno, alongside Horkheimer and Marcuse – to the conceptual element of sublimation. We will see how the historical context of the beginning of the 20th century provided the connection of Freudian psychoanalysis to Marxism and how some precursors already visualized the potential of the concept of sublimation as social criticism (1). Then, as the relationship between the first generation of Critical Theory and psychoanalysis was not only, in the first half of the 20th century, one of interaction in a common context of discussion, but it was also institutional, we will understand how sublimation is operationalized in sociocultural criticism of Frankfurt School theorists (2).

Keywords: Critical theory. Psychoanalysis. Freud. Marx. Sublimation.

A junção de Freud a Marx: precursores da sublimação como crítica

A relação da primeira geração da Teoria Crítica com a psicanálise não era apenas, na primeira metade do século XX, de interação em um contexto comum de discussão, mas era também institucional. O intuito também era corrigir os desvios teóricos e práticos do materialismo marxista e preencher as lacunas deixadas na interpretação do conceito de sujeito, “sua redução do âmbito psicológico a fatores socioeconômicos”, principalmente no que tange a sua *gênese* e desenvolvimento (Whitebook, 2004, p. 74). A situação social e política pressionava para que a teoria se reorganizasse conceitualmente. Lisa Yun Lee, em seu trabalho sobre a dialética do corpo, comenta:

Quando Leo Lowenthal pediu para Horkheimer descrever o significado de Freud para o Instituto de Pesquisa Social, ele respondeu o seguinte: ‘Nós realmente somos profundamente devedores de Freud e de seus primeiros colaboradores. Seu pensamento é uma das *Bildungsmächte* sem a qual nossa própria filosofia não seria o que é’ (Lee, 2005, p. 17-18)¹.

Acontecimento que também mereceu destaque de Joel Whitebook,

O Instituto de Pesquisa Social e o Instituto Psicanalítico de Frankfurt compartilhavam do mesmo edifício e davam aulas nas mesmas salas. Eminentemente psicanalistas tais como Anna Freud, Paul Federn, Hans Sachs e Siegfried Bernfeld, davam aulas para o público em geral, financiados pelos teóricos críticos. Max Horkheimer, o diretor do Instituto de Pesquisa Social, também fazia parte da direção do Instituto de Psicanálise (Whitebook, 2004, p. 75).

¹ Cf. também Lee, 2005, pp. 17-25. A referência a essa carta também está em Jay, 2008, pp. 150-151.

Por sua vez, Adorno lembra, em um de seus ensaios sobre psicologia social e psicanálise, que, nesse período, importantes trabalhos foram elaborados, principalmente em torno da discussão sobre a psicologia das massas:

O texto de Freud deu origem a uma extensa discussão entre os psicanalistas. Já a partir do final dos anos 1920 a pesquisa social empírica empregou conceitos de sua psicologia de grupo. Permito-me aqui talvez recordar os trabalhos de nosso Instituto de Pesquisa Social, a que se filiou desde o início uma seção psicanalítica, sob a direção de Karl Landauer, morto no campo de concentração Belsen. Na coletânea de trabalhos *Estudo sobre autoridade e família* [de 1936], conjugou-se pela primeira vez, em uma vasta pesquisa, a análise da dinâmica social e os mecanismos da psicologia profunda relativos ao comportamento perante a autoridade. Os trabalhos norte-americanos de nosso instituto continuaram a seguir essa intenção: *A personalidade autoritária* pesquisou sistematicamente as correlações entre ideologias políticas e estruturas caracterológicas, e o livro, publicado em 1950 nos Estados Unidos, ensejou uma literatura já hoje bastante extensa (Adorno, 2015, pp. 192-193).

Esse entrelaçamento teórico, que deu origem a vários trabalhos sobre autoridade, família, indivíduo e cultura, assim como sobre os próprios fenômenos políticos, no amplo espectro do processo civilizatório^{II}, foi o terreno preparatório em que começou a aparecer o elemento conceitual da sublimação como operador da crítica.

Uma das obras que nos tornam clara essa operacionalização é *Teoria Crítica e Psicanálise* (1983), de Sérgio Paulo Rouanet, principalmente em relação aos precursores da junção de Freud a Marx. Vamos usar um recorte dessa obra como ponto de partida e apresentação de teses que

II E foi o que mais tarde serviu de base para a “análise meta-histórica” contida na obra *Dialética do Esclarecimento* (Whitebook, 1995, p. 2).

procuramos rejeitar ou reatualizar dentro do escopo de nossa pesquisa sobre a sublimação a partir de Adorno. Isso porque nesta obra, Adorno e a primeira teoria crítica ainda eram interpretados, sobretudo pela via habermasiana, como se se recolhessem ao destino de uma ciência melancólica que almejava a utopia, a organização racional da felicidade na terra, mas somente “na medida em que permanece[sse] utópica: pois qualquer tentativa de concretizá-la seria infiel à radicalidade de sua visão” (Rouanet, 2001, p. 115)^{III}. Para o debate atual, décadas depois, percebemos que a dialética adorniana dispõe de aspectos ainda pouco tematizados e que podem trazer novos elementos para a crítica analiticamente orientada, um desses pontos é justamente através do conceito de sublimação^{IV}.

De início, Rouanet procura mostrar aspectos esquecidos dos primeiros esforços de conjugação conceitual entre Marx e Freud que vários autores realizaram nas décadas de 20 e 30 do século XX, sobretudo, para nós, Wilhelm Reich^V, a quem chama de “freudo-marxistas”. Esses esforços teóricos eram resposta ao contexto de acirramento político, movimentos de massa e autoritarismo tanto na Rússia, após a morte de Lênin, em 1924, quanto na Alemanha, em meio à ascensão do nazismo.

III Segundo Bárbara Freitag, Sérgio Paulo Rouanet foi um dos autores responsáveis pela recepção da Teoria Crítica no Brasil. Bárbara Freitag também é uma eminente pensadora germano-brasileira que contribuiu na recepção e no debate sobre a Teoria Crítica no Brasil e na Alemanha, estudou com Adorno e Horkheimer e, em seu retorno ao Brasil, a convite de Florestan Fernandes, lecionou na Universidade de Brasília. Em *Teoria Crítica: ontem e hoje* (1986), na seção *a recepção da teoria crítica no Brasil*: “A discussão desse tópico já foi em verdade magistralmente realizada em recente ensaio de Carlos Nelson Coutinho [...]. Nesse ensaio Coutinho faz menção a duas etapas de assimilação do pensamento crítico de Frankfurt no Brasil. A primeira se teria dado no final da década de 60 via Marcuse (e portanto através dos Estados Unidos), assumindo entre nós uma coloração contracultural e irracionalista. A segunda, ocorrida no final da década de 70, mediatizada por Rouanet, assumiria uma conotação radicalmente racionalista, buscando recuperar na teoria crítica seu elemento iluminista original” (Freitag, 1988, p. 139). Cf. Coutinho, 1986, pp. 100-112; cf. CAMARGO, Silvio. Os Primeiros Anos Da ‘Escola De Frankfurt’ no Brasil. *Lua Nova*, n. 91, p. 105-133, 2014.

IV Cf. Whitebook, 2006, p. 70; Safatle, 2020, pp. 186-187.

V Outro autor citado desse período é Erich Fromm, que inclusive esteve ligado ao Instituto, mas não iremos abordar seus trabalhos. Cf. Safatle, 2020, p. 181.

Tais pormenores, olvidados até então, e em grande parte nem mencionados pelos frankfurtianos, foram trazidos à tona através da biografia do Instituto elaborada por Martin Jay, nos anos 70:

Hoje, é difícil avaliar a audácia dos primeiros teóricos que propuseram o casamento antinatural de Freud e Marx. Com o ressurgimento do interesse em Wilhelm Reich e o impacto de *Eros e Civilização*, muitos setores da esquerda passaram a aceitar a ideia de que esses dois homens falavam de questões similares, ainda que a partir de pontos de vista diferentes. Entretanto, uma geração atrás, o absurdo dessa ideia raramente era questionado em qualquer lado do Atlântico. Embora Trotsky tivesse simpatizado com a psicanálise, sua voz já não era ouvida nos círculos comunistas ortodoxos desde 1923, quando um tabu caíra sobre Freud e seus seguidores, e o behaviorismo pavloviano se transformara na nova ortodoxia (Jay, 2008, p. 133).

No início do século XX, vemos a dialética materialista ser transformada em materialismo dialético, uma ciência afeita à lógica das ciências naturais e a psicanálise, que fora nos anos iniciais da Revolução bem aceita e utilizada em experimentos institucionais, ser banida como “idealismo burguês”. Em Prefácio à obra *Psicologia de Massas do Fascismo*^{VI}, Reich relata o seguinte:

Já em 1929-30, a social-democracia austríaca fechou as portas das suas organizações culturais aos conferencistas da nossa organização. As organizações socialistas e comunistas, não obstante os protestos dos seus militantes, proibiram a distribuição das publicações da ‘Editora para Política Sexual’, no ano de 1932, em Berlim. Ameaçaram me matar logo que o marxismo alcançasse o poder na Alemanha. Em 1932, as organizações comunistas da Alemanha vedaram os seus locais de reunião ao médico especialista em economia sexual, contra a vontade de seus membros. A minha expulsão

VI No Prefácio à 3ª edição em língua inglesa, de 1942.

de ambas as organizações baseou-se no fato de eu ter introduzido a sexologia na sociologia, e ter demonstrado como ela afeta a formação da estrutura humana (Reich, 2001, p. XXIV).

Em resposta a essa situação, os freudo-marxistas começaram a empreender o esforço de defender a psicanálise como ciência materialista, ainda que seguindo o positivismo radical que havia sido ditado nas resoluções burocráticas do momento, nas palavras de ordem da III Internacional, a fim de conjugá-la com o marxismo como parte da crítica à ideologia (Rouanet, 2001, p. 18), justamente o que faria depois o Instituto. Segundo a tese de Reich, a questão naquele momento era entender *como a classe operária podia se submeter a situações contrárias a seus interesses de classe*. Ao trabalhar essa questão, contra o posicionamento mecanicista de correntes do que ele chama de, à época, “marxismo comum”, Reich inicialmente investiga qual a causa da clivagem, da contradição entre a “economia” e a “ideologia”, entre a “estrutura” e a “superestrutura”. Retornando a Marx, Reich toma a seguinte posição:

Os seres humanos estão duplamente sujeitos às condições da sua existência [...] O trabalhador, por exemplo, tanto sofre influência da sua própria situação de trabalho como a da ideologia geral da sociedade. Mas como o homem, seja qual for a classe social a que pertença, não é apenas objeto dessas influências, mas também as reproduz em suas atividades, o seu modo de pensar e de agir deve ser tão contraditório quanto a sociedade que lhe deu origem (Reich, 2001, p. 17).

Em termos psicanalíticos, Reich então procura entender como a ideologia burguesa seria internalizada a ponto de ser o sustentáculo de sua dominação. Assim, o conceito de internalização seria o conceito-chave para entender processos de regressão social, mesmo quando a situação material permitiria a organização revolucionária do proletariado, como era o caso da Alemanha dos anos 30. Para Reich, através da teoria psicanalítica seria possível entender como a autoridade se internaliza durante o processo de socialização de cada indivíduo e como “a libido, quando não é recalcada, é sublimada” (Rouanet, 2001, p. 24).

Nas poucas passagens em que aborda o conceito de sublimação, Freud o caracterizou de uma maneira ainda muito restrita, principalmente do ponto de vista da transformação social, inclusive, consequência do recalçamento das pulsões sexuais, o que os autores freudo-marxistas procuraram superar.

Freud descreveu como atividades de sublimação principalmente a atividade artística e a investigação intelectual. Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual e em que visa objetos socialmente valorizados (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 495).

A pesquisa posterior sobre a sublimação buscará mostrar como esse conceito sofreu alterações significativas no percurso da obra freudiana, principalmente na mudança da teoria pulsional da primeira para a segunda tópica, sendo Adorno e Marcuse responsáveis por apontar isso em meados dos anos 50^{VII}. Não obstante, para os freudo-marxistas, ambos, recalque e sublimação, eram considerados processos complementares na sociedade burguesa, que contribuem para a sustentação da dominação social da classe dominada. Ambos contribuem para o enfraquecimento do eu e para sua vulnerabilidade à ideologia, ao canalizar e conter as energias pulsionais. Através da *sublimação*, os freudo-marxistas apontavam o processo pulsional que possibilita o surgimento da cultura e dos valores morais, que gratificam de maneira compensatória o recalque e a repressão social^{VIII}.

De início, esse debate se cristalizou na obra de Wilhelm Reich dos anos 30, na fase da *Psicologia de Massas do Fascismo* (1933), sobretudo em sua teoria da genitalidade e em sua caractereologia. Em linhas gerais, Reich

VII Tratamos sobre esse tema em outro capítulo de nossa tese de doutorado. Sobre as alterações ocorridas da primeira para a segunda tópica, conferir, por exemplo: LAPLANCHE, Jean. *Problemáticas, III: a sublimação*. São Paulo: Martins Fontes, 1989; LOFFREDO, Ana Maria. *Figuras da Sublimação na Metapsicologia Freudiana*. São Paulo: Escuta, Fapesp, 2014.

VIII Sobre a principal fonte inicial acerca do conceito de repressão para Adorno: *Egoismus und Freiheitsbewegung: Zur Anthropologie des bürgerlichen Zeitalters* de Horkheimer (1936).

põe uma distinção na teoria do desenvolvimento psicosssexual deixada por Freud, que explica como a psique madura se organiza através da repressão de fases anteriores em que suas pulsões estavam dispersas nas zonas erógenas do corpo. Essas pulsões parciais não-genitais são unificadas durante o processo de amadurecimento na genitalidade, são reprimidas socialmente para os fins restritos da reprodução sexual.

Nesse sentido, diferente de Freud, Reich defendeu que as neuroses e as patologias psíquicas resultavam de uma perturbação não da libido em geral, mas de uma fixação excessiva da “libido genital”, a qual deveria ser liberada através do orgasmo. Por isso, a “única alternativa não-patológica à gratificação pulsional é a sublimação”. Ao fornecer um esquema da “vida psíquica sadia”, Reich também critica aquilo que ficou conhecido como o “pessimismo cultural de Freud”, que não deixara explícito alternativa alguma ao mal-estar gerado pela necessidade de renúncia pulsional para a existência da civilização (Rouanet, 2001, p. 28). Levando à frente, com sua teoria da sublimação, uma espécie de “utopia genital”, Reich rejeitou a hipótese da pulsão de morte e defendeu uma análise histórica da agressividade pulsional, tomando-a como resultado da opressão sexual (Rouanet, 2001, p. 30). Esta é uma posição que precede em algumas décadas trabalhos da Teoria Crítica.

Adorno usará a expressão “utopia sexual”, mas em momento algum citará Reich. Isso porque o próprio “ideal da genitalidade” será apontado como o modelo de identificação do indivíduo burguês, resultado do processo civilizatório ocidental (Adorno, 2015, pp. 205-206). Em trabalho recente, Vladimir Safatle diz o seguinte: “Adorno não se interessará [...] por Reich, mesmo que este desenvolva uma análise da economia pulsional do fascismo, como o próprio Adorno fará nos anos 1950 [...]” (Safatle, 2020, pp. 178-179). Marcuse, por seu turno, reconhecerá mais tarde Reich como precursor, em *Eros e Civilização*. Como veremos, a dificuldade de reconhecê-lo como tal se deu por um diagnóstico histórico-material diverso, além da diferença de abordagem metodológica, principalmente após as obras de maturidade de Reich se distanciarem problemáticamente da psicanálise freudiana.

Por outro lado, Reich também antecipa com sua “caractereologia” os estudos sobre a personalidade autoritária do Instituto^{IX}. Reich diferencia o caráter neurótico (ou apenas “caráter”) e o caráter genital, concepção que se direciona para o trabalho da sublimação nas bases por ele defendidas, “graças à qual as pulsões pré-genitais, em vez de serem reprimidas, são postas ao serviço de objetivos socialmente válidos”. Nesse sentido, o trabalho da sublimação pode ser entendido a serviço da crítica, tornando o indivíduo “genital” capaz do reconhecimento da inadequação entre suas demandas e as do mundo exterior (Rouanet, 2001, p. 34).

Assim, Reich vê a repressão sexual como instrumento do poder vigente e, ao distinguir em sua crítica à ideologia entre fator objetivo e fator subjetivo, chega à tese radical segundo a qual a opressão material produz revolta, mas a opressão sexual não apenas não produz revolta como é o empecilho interno à revolta contra a opressão material: “[...] a inibição sexual altera de tal modo a estrutura do homem economicamente oprimido, que ele passa a agir, sentir e pensar contra os seus próprios interesses materiais” (Reich, 2001, p. 30). Como mais tarde fará Marcuse, ao historicizar as categorias psicanalíticas e defender uma sublimação não-repressiva, Reich formula sua crítica à ideologia rumo a uma crítica da política cultural burguesa e a seus aparelhos ideológicos. Em outras palavras, sua crítica se dirige às instituições mantenedoras da dominação objetiva e subjetiva, como a família, a escola e a Igreja, aparelhos cuja função central é a repressão da genitalidade (Reich, 2001, pp. 18-30). Por isso, seria preciso vitalizar a política interna ao movimento socialista justamente através da politização da vida privada: “[...] não há quaisquer perspectivas de êxito para um programa de liberdade, enquanto não for transformada a estrutura sexual biopática dos homens” (Reich, 2001, p.

IX Sua *Análise do Caráter* [Charakteranalyse] é de 1933, enquanto que o primeiro trabalho do Instituto sobre o tema, o *Estudo sobre autoridade e família*, é de 1936. Os estudos sobre personalidade autoritária, em que Adorno participa, foram realizados na década de 50, como comentado pelo próprio acima (Adorno, 2015, pp. 192-193).

231)^X. Sendo variáveis historicamente os conteúdos tanto do princípio de realidade e como do princípio do prazer, seria necessário então atacar o princípio regulatório intrapsíquico da sociedade capitalista para possibilitar uma nova organização social, uma sociedade liberada, o que se contrapõe ao determinismo das etapas históricas e da necessidade do advento prévio do socialismo (Rouanet, 2001, p. 49).

A sublimação como elemento da crítica sociocultural dos frankfurtianos

A primeira geração da Teoria Crítica utilizou como elemento estratégico o conceito de sublimação em sua crítica à ideologia, isto é, em sua crítica à indústria cultural^{XI}. Como caracteriza Fredric Jameson, em sua tese sobre o marxismo tardio: “a ‘indústria cultural’ não é uma teoria da cultura, mas a teoria de uma *indústria*, de um ramo dos inter-relacionados monopólios do capitalismo tardio que fazem dinheiro a partir do que se costumava chamar de cultura” (Jameson, 1997, p. 189).

Após os freudo-marxistas, a relação com a psicanálise travada pela Teoria Crítica tomou uma tonalidade diversa. Além de uma relação mais próxima, já que o Instituto de Pesquisa Social chegou a abrigar o Instituto Psicanalítico, a situação histórica havia mudado em relação aos anos 30, produzindo uma alteração significativa no próprio conceito de opressão. Em outras palavras, após a Segunda Guerra Mundial e a

X Lançando mão de um excerto do programa do 8º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, de 1919, Reich sublinha alguns trechos em que se revela os passos cruciais, após a revolução, da transição do Estado proletário à autogestão social, defendida por Engels e detalhada por Lênin. Para a efetivação da transição, porém, seria necessário um “trabalho cultural e didático” (Reich, 2001, p. 233), uma “*elevação do nível cultural das massas trabalhadoras*” que conduza à “*supressão do poder do Estado*” (Reich, 2001, p. 235).

XI Cf. DUARTE, Rodrigo. Sublimação ou expressão? Um debate sobre arte e psicanálise a partir de Theodor W. Adorno. *Revista Brasileira de Psicanálise, Associação Brasileira de Psicanálise*, p. 319-336, 1998.

passagem do capitalismo monopolista ao capitalismo de Estado, o surgimento das políticas do Estado de Bem-estar social ocasionou uma virtualização da luta de classes através da assimilação ou integração cultural dos trabalhadores.

[...] o capitalismo em meados do século XX se transformara em um ‘capitalismo de Estado’ (em versões autoritárias e democráticas) que teria se imposto como modelo de gestão baseado na regulação e controle dos agentes econômicos pela capacidade de planificação própria a uma economia de comando. [...] nesse modelo de gestão, a força de transformação social ligada aos conflitos de classe e lutas estruturais contra a pauperização parecia ter sido em larga medida desativada devido aos processos de integração da classe operária a redes de assistência e participação limitada na riqueza social. Essa dinâmica de capitalismo de Estado era o ponto de contato, utilizado pelos frankfurtianos, entre a democracia liberal e as experiências totalitárias do pré-guerra (Safatle, 2020, p. 185).

Podemos dizer também que essa mudança ocorreu de maneira interna no modo de pensar da primeira geração dos frankfurtianos. Não seria demais lembrar que em 1937, quando lançou o texto fundador “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, Horkheimer ainda se referia à teoria crítica como “a face intelectual do processo histórico de emancipação do proletariado” (Horkheimer, 1980, p. 135). Textos como o de Bárbara Freitag refletem essa impressão:

Como se pode ver, Horkheimer se encontra, nessa argumentação, ainda muito próximo de Marx, como aliás todos os trabalhos do Instituto publicados na *Zeitschrift* nessa época. Essa proximidade vai sendo minada no decorrer dos anos subsequentes, nos quais Horkheimer perde toda e qualquer esperança em relação à possibilidade e necessidade de uma revolução proletária (Freitag, 1988, p. 40).

A questão é que, dos anos 40 e 50 em diante, o fenômeno da pauperização não seria mais o problema da contradição objetiva para a classe trabalhadora devido às políticas do Estado de bem-estar social. Como apontará Adorno, através desse processo de mudança da dinâmica interna do capitalismo a tensão entre realidade e ideologia seria escamoteada, impossibilitando mesmo a consolidação de uma consciência de classe.

[...] mesmo sem admitir a integralidade do diagnóstico de Friedrich Pollock a respeito da desativação do conflito social, Adorno lembrará mais de uma vez que o conceito de classe não seria mais operativo por não haver sequer mais condições de apelar a uma consciência de classe. Essa impossibilidade de consolidação de consciência de classe não era apenas um dado sociológico. Havia uma impossibilidade psicológica de sujeitos se verem como encarnações de uma mesma consciência de classe devido à anestesia em relação ao sofrimento social de alienação (Safatle, 2020, p. 186).

Dessa forma, a tarefa da crítica teria de ser a de reavaliação de seus conceitos estratégicos, sobretudo porque conceitos cruciais para a crítica à ideologia acompanharam as mudanças histórico-materiais e também se alteraram qualitativamente. Para os freudo-marxistas, como Reich, bastava o fortalecimento do eu, como instância psíquica da prova de realidade, para que sua função epistemológica fosse restabelecida e sua posição diante do mundo fosse reorientada criticamente, a fim de resistir à opressão de poderes autoritários, do âmbito privado ao do Estado totalitário. Com os frankfurteanos, o problema se coloca de outra forma, pois se observa que a realidade sofre uma unidimensionalização, o caminho da dominação objetiva e subjetiva se torna total, e o mundo se transforma em um mundo totalmente administrado.

Nesse sentido, lembremos como a gestão social própria às sociedades do capitalismo de Estado havia aprofundado o que Adorno chamava de 'expropriação do inconsciente pelo controle social', ou seja, uma expropriação pulsional direta que se serve do enfraque-

cimento do Eu, da ascensão das patologias narcísicas e do declínio dos processos de identificação no interior do núcleo familiar para neutralizar o conflito entre princípio de prazer e princípio de realidade através de uma satisfação socialmente administrada (Safatle, 2020, p. 186).

A experiência de pauperização e sua contradição objetiva insustentável nas primeiras décadas do século XX ainda se dava entre os termos realidade e ideologia, que advinha da existência ainda destacada das classes sociológicas contraditórias: proletariado e burguesia. Com sua virtualização, com a alteração qualitativa de ambas as classes em face do capitalismo de Estado emergente, as relações de dominação também se transformam e as contradições se instauram de outra forma.

De certa forma, Adorno de fato acredita que a expectativa de transformação depositada na classe sociológica dos trabalhadores proletários não pode ser mais posta. Ele chega a afirmar que a luta de classes estaria atualmente subjetivamente esquecida, o que traz consequências, mesmo que provisórias, para seu sentido objetivo: ‘Mas o antagonismo não desapareceu com a integração. Simplesmente sua manifestação como luta está neutralizada. Os processos econômicos fundamentais da sociedade que produzem as classes não se modificaram, apesar de toda integração dos sujeitos’ [ADORNO, *Soziologische Schriften I*, p. 184] (Safatle, 2020, p. 140).

O que antes se instaurava à classe trabalhadora como repressivo, passa a aparecer como promessa de felicidade e como não-repressivo. Esse é o diagnóstico que começa a ficar cada vez mais evidente, principalmente a partir da *Dialética do Esclarecimento* e dos anos 50. Para o pensamento esclarecido, o conceito do que é real e do que é racional acompanhou essas transformações históricas, movimento que a crítica também precisa fazer. Dito de outra maneira, se não há mais distinção para a falsa consciência entre as relações de produção material e de produção simbólica do mundo humano, o perigo de integração diante da síntese unidimensional da realidade deve ser reconhecido por uma teoria que

pretenda ser crítica, através da crítica à ideologia que agora é também crítica da cultura.

O capitalismo saberá, paulatinamente, expropriar o excesso pulsional (tópico maior do que os frankfurtianos chamarão de dessublimação repressiva), dar uma medida ao que antes alimentava as transgressões da pulsão, mesmo que se trate da contabilidade da desmedida, ou antes, da submissão da desmedida à contabilidade. Ele saberá fazê-lo através dos mecanismos libidinais presentes na indústria cultural, e não será um acaso se encontrarmos uma pletora de conceitos psicanalíticos mobilizados nos estudos adornianos sobre a indústria cultural [...]. A ponto de Adorno afirmar que a indústria cultural seria uma espécie de ‘psicanálise ao avesso’ (Safatle, 2020, pp. 186-187).

Nesse sentido, a psicanálise será tanto instrumento, aliada na construção conceitual, para dar conta desse diagnóstico quanto se tornará ela mesma objeto de crítica. Poderíamos dizer o mesmo do conceito de sublimação. No campo da cultura, o conceito de sublimação atende à necessidade de operar em meio aos fenômenos atrelados à indústria cultural e a seus impactos psicossociais, ora sucumbindo a sua forma de instauração atual, ora possibilitando abertura para outras instaurações. Enquanto objeto de crítica, Adorno aponta que a psicanálise sofre dois “desvios” após a morte de Freud, principalmente em sua recepção nos Estados Unidos na década de 50^{XII}. Um é o *revisionismo psicanalítico*, que procura sociologizar as categorias psicanalíticas, levado a cabo, por exemplo, por Erich Fromm, Karen Horney e Harry Sullivan. O outro é o funcionalismo de Talcott Parsons, em sua tentativa de integrar a psicanálise à sociologia. Adorno se debruça sobre esses desvios teóri-

XII Em *Teoria Crítica e Psicanálise*, Rouanet também se debruça sobre esse tema. Cf. Rouanet, 2001, pp. 78-98.

cos, sobretudo em dois ensaios, respectivamente: “*A psicanálise revisada*” (1952) e em “*Sobre a relação entre sociologia e psicologia*” (1955)^{XIII}.

Para Adorno, o ponto principal a ser apontado no revisionismo psicanalítico é que ele rejeita a teoria das pulsões freudiana ao se orientar por uma dessexualização da psique, perdendo com isso a força negativa da psicanálise: “Em vez de analisar a sublimação, os revisionistas sublimam a própria análise. Isso a torna aceitável universalmente” (Adorno, 2015, p. 53). O conformismo teórico que se apresenta nesta posição também se reflete na posição de Parsons^{XIV}. Para Adorno, ambas se encaminham para um horizonte de integração e de adaptação do indivíduo à sociedade existente. No entanto, Adorno ressalta: “Nenhuma síntese científica futura pode colocar sob o mesmo teto o que está cindido de si mesmo por princípio” (2015, p. 81).

E, de certa maneira, para Adorno, mesmo a psicanálise de Freud e de seus sucessores poderia conter alguma parcela de conformismo social. Em relação à última tópica freudiana, que trabalha a partir dos conceitos de eu, supereu e isso, essa consideração fica visível principalmente no tocante à questão dos mecanismos de defesa. Dispensada a hipótese de um “supereu consciente”, já que a gênese dessa instância psíquica era a autoridade externa e seu trabalho de repressão deveria permanecer inconsciente para ser eficaz, o eu passa a ser visto como agente do âmbito consciente e do inconsciente^{XV}. Assim, para a clínica, o eu responde

XIII Martin Jay nos dá notícia de que Adorno foi o primeiro a se pronunciar publicamente contra Fromm: “Em 26 de abril de 1946, ele apresentou em Los Angeles um artigo intitulado ‘Ciência social e as tendências sociológicas da psicanálise’” (2008, p. 152).

XIV Adorno assim mostra a posição do funcionalismo: “O preço que Parsons tem que pagar pela harmonia conceitual é que seu conceito de integração, imagem positivista da identidade de sujeito e objeto, abriria espaço para um estado irracional da sociedade, bastando que este tivesse poder suficiente para modelar previamente seus participantes. A coincidência do supereu médio e das necessidades funcionais de um sistema social, a saber, de sua própria perpetuação, foi alcançada de forma triunfal no *Admirável mundo novo* de Huxley. Tal consequência certamente não é visada pela teoria de Parsons” (2015, p. 76).

XV Nesse sentido, ver como Ana Maria Loffredo mostra que, a partir da segunda tópica, a capacidade de sublimar passa a ser vinculada à libido do eu (2014, p. 244).

pela tarefa de ser aliado ou não do analista. O que depende diretamente de como é concebida a instância autoritária de repressão interna, o superego, e de como sua gênese na repressão externa é avaliada. Pois, como Adorno (2015, pp. 114-115) aponta em “Sobre a relação entre sociologia e psicologia”, mesmo os sucessores da psicanálise freudiana, como Anna Freud, ao analisar as funções dos mecanismos de defesa e decidir pela segunda opção do dilema, isto é, da interrupção da análise em vista de seu perigo de elucidação, escolhem com isso aceitar sem mais o princípio de realidade vigente e renunciar ao trabalho do negativo que a psicanálise representava desde o início.

Mais profundamente ainda do que Freud, sua filha desiste de diferenciar recalque e sublimação, na medida em que ambos são subsumidos no conceito de defesa. O que em Freud ainda pode passar como ‘realização cultural’, ou seja, a realização psíquica não imediatamente útil à satisfação pulsional ou à autoconservação do indivíduo, é considerada por Anna Freud, e não apenas por ela, propriamente como patológica. Assim, a teoria psicanalítica atual pensa esgotar a música, com base em observações clínicas, através da tese da defesa perante a paranoia, e, se fosse consequente o bastante, deveria desprezar toda música (Adorno, 2015, p. 115).

Desse modo, como também enfatiza Joel Whitebook (2006, p. 52), a psicanálise se torna incapaz de distinguir corretamente o âmbito epistemológico da *gênese* e o âmbito da *validade*, com o que o horizonte da crítica social parece lhe ser fechado. Entretanto, considerar a psicanálise meramente como um produto da realização cultural possibilita a visualização de sua gênese histórica e social, mas corre-se o risco de reduzir ou mesmo afastar o âmbito de sua validade objetiva.

Isso requer investigar como o material genético – seja ele econômico, psicosssexual, sociológico, político ou o que for –, com toda sua contingência histórica e particularidade, é transformado em objetos culturais que reivindicam o tipo de validade apropriada a seu domínio particular. De novo, apesar de ser radicalmente pouco desenvolvido, o conceito de sublimação é um

indicador para essa elucidação (Whitebook, 2006, p. 54).

Retomando o ensaio de Horkheimer de 1937, “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, podemos perceber como a teoria crítica se alia à psicanálise, principalmente como crítica interna do positivismo científico e da racionalidade instrumental instaurada pelo processo de esclarecimento moderno. A psicanálise não pode ser vista nos moldes de uma teoria tradicional, pois é crítica de cada uma das características que definem a epistemologia positivista, como em relação ao critério de verificabilidade, de previsibilidade e principalmente no que tange à lógica que estrutura o método científico. Para dar conta dos processos inconscientes, a psicanálise necessita de uma interpretação que reelabore a compreensão acerca de conceitos centrais para a ciência moderna e para seu método.

No caso da psicanálise “revisada”, em um momento em que deveria desfazer a adesão imediata ao caráter unidimensional da realidade, a psicanálise fica aquém e adere ao existente, impossibilitando a distinção necessária entre os produtos das relações de produção material e a produção simbólica dos bens culturais. Por outro lado, Adorno considera que, ao contrário dos revisionistas, Freud não dissimula o que há de repressivo na realidade vigente. Seu impasse diante da possibilidade de outro princípio de realidade revela as contradições imanentes da sociedade burguesa e com isso a psicanálise é ao mesmo tempo denúncia do existente.

Poderíamos dizer, então, que a psicanálise contribui em pelo menos três aspectos para a autorreflexão da teoria crítica: para sua formação enquanto teoria analiticamente orientada; fornece elementos para a crítica da cultura e para a elaboração de uma teoria da personalidade, através do esclarecimento das mediações entre indivíduo e cultura, o que como enfatizamos, pode ser operacionalizado através do conceito de sublimação.

Outro intérprete de Adorno que podemos mobilizar para essa discussão é Rodrigo Duarte. Em artigo, Duarte nos lembra da função do conceito

de sublimação como um elemento crucial para a crítica da cultura, em lugar de analisá-lo como conceito que tem apenas um potencial clínico. Essa função pode ser observada nos textos culturais de Freud e na obra de Adorno, sobretudo na crítica à indústria cultural. Entretanto, a intenção do autor é “ajudar a descortinar um novo horizonte de possibilidades interpretativas das obras de arte em geral” (Duarte, 1998, p. 320).

Em Freud, a sublimação como elemento para a crítica cultural pode ser vista, por exemplo, na investigação presente em *O Mal-estar na Civilização*. A hipótese central desta obra é aquela que destaca a incompatibilidade entre a realização da “felicidade”, do ponto de vista “egoístico” do indivíduo, e a realização da cultura, para fins “altruísticos”, pelos indivíduos inseridos e demandados em uma coletividade, com o objetivo de manter a coesão social. O “mal-estar” surge, digamos, porque essa incompatibilidade não é resolvida, não há reconciliação entre o âmbito individual e o coletivo, visto que a tendência à *unidade* e a manutenção da coesão social se tornaram preponderantes (Freud, 2011, pp. 87-88).

Entretanto, Freud destaca a sublimação como uma dentre as “técnicas” de resistência contra o sofrimento que, ao transpor os destinos da pulsão, possibilita que não sejam atingidos pela repressão externa, além de proporcionar ao aparelho psíquico “flexibilidade” (2011, p. 23). Assim, a sublimação tem uma função privilegiada no desenvolvimento da cultura, aqui tomada por Duarte em sentido estrito, como as “grandes realizações espirituais humanas” (1998, p. 321). Outra característica da sublimação observada por Freud (2011, p. 25) é a de que não apenas o artista ou o inventor pode se satisfazer com a sublimidade de uma obra, mas também o espectador^{XVI}.

XVI Incide aqui novamente a crítica de Adorno, visto que no atual estágio civilizatório, a mera situação de espectador faz com que a subjetividade regrida e o corpo defina, como exposto no Episódio das Sereias. Cf. Adorno & Horkheimer, 2006, pp. 39-40. Cf. O ensaio *O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição*, em que se diz: “Ao invés de entreter, parece que tal música contribui ainda mais para o emudecimento dos homens, para a morte da linguagem como expressão, para a incapacidade de comunicação. A música de entretenimento preenche os vazios do silêncio que se instalam entre as pessoas deformadas pelo medo, pelo cansaço e pela docilidade de escravos sem exigências. [...] Se ninguém mais é capaz de falar realmente, é óbvio também que já ninguém é capaz de ouvir” (Adorno, 1980, p. 166, grifo nosso).

Como essa análise já faz parte da obra tardia de Freud, Duarte se dedica aos textos da década de 1910, como “Moral sexual ‘cultural’ e o nervosismo moderno” (1915), que já caracterizam a sublimação como a capacidade de transpor o alvo da pulsão sexual para outro aparentado, ao menos psiquicamente, entretanto, visto e valorado socialmente como mais “elevado”, cujos produtos darão origem às obras e componentes da cultura. Dentre esses textos, também se destaca o *Leonardo*, cuja abordagem da sublimação não se atina apenas a seu processo específico, mas permite a detecção de elementos formais da arte associados à vida afetiva do artista, com o detalhe de que se inicia pela afirmação sobre a sublimação como processo determinante para as mais variadas atividades profissionais.

Em Adorno é possível ver a apropriação da sublimação como elemento à crítica da indústria cultural. A repressão social e o recalque pulsional, que para Freud eram consequências do rumo que a cultura ocidental havia tomado, mas que, por outro lado, sem as quais a coesão social e a civilização atuais não seriam possíveis, são reconduzidos pelos aparelhos de controle social tecnicamente especializados da indústria cultural, que inclusive, se vale das tendências masoquistas, núcleo da psicologia de massas, acelerando o processo de exploração e de expropriação até o nível intrapsíquico^{XVII}.

A essência da indústria cultural é, portanto, segundo Adorno e Horkheimer, uma espécie de usurpação da capacidade de ajuizamento com meios próprios que qualquer pessoa, em princípio, teria, em benefício de padrões impostos por poderes de fato, constituídos no seio da sociedade. Os autores traduzem aquela capa-

XVII “Atualmente em fase de desagregação na esfera da produção material, o mecanismo da oferta e da procura continua atuante na superestrutura como mecanismo de controle a favor dos dominantes. Os consumidores são os trabalhadores e os empregados, os lavradores e os pequenos burgueses. A produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido. [...] Eles têm os desejos deles. Obstinadamente, insistem na ideologia que as escraviza. O amor funesto do povo pelo mal que a ele se faz chega a se antecipar à astúcia das instâncias de controle” (Adorno & Horkheimer, 2006, p. 110).

cidade em termos do conceito kantiano de ‘esquematismo’, à medida que até mesmo o que se percebe sensivelmente já é condicionado por uma potencialidade subjetiva que se refere ultimamente à autoconsciência do sujeito enquanto tal (Duarte, 1998, p. 326)^{XVIII}.

A diferença que os produtos da indústria cultural apresentam não se refere simplesmente a seu caráter de serem produtos de troca, de venda, mas por apresentarem um caráter “sintético” e dirigido por fins exteriores à obra, no caso o lucro e a autovalorização infinita da totalidade.

O caráter de montagem da indústria cultural, a fabricação sintética e dirigida de seus produtos, que é industrial não apenas no estúdio cinematográfico, mas também (pelo menos virtualmente) na compilação das biografias baratas, romances-reportagem e canções de sucesso, já estão adaptados de antemão à publicidade: na medida em que cada elemento se torna separável, fungível, e também tecnicamente alienado à totalidade significativa, ele se presta a finalidades exteriores à obra (Adorno & Horkheimer, 2006, p. 135).

Nesse sentido, por contraposição, a obra de arte autêntica, ainda que possa posteriormente adquirir valor de troca, não é produzida desde o início com essa intenção, podendo, inclusive, provocar uma autorreflexão sobre esse estado de coisas em que será introduzida. A concepção que orienta essa interpretação adorniana tem suas bases na estética kantiana, concentrada principalmente na *Crítica da faculdade de julgar*. Sendo assim,

[...] o juízo que fazemos sobre o objeto belo é desprovido de qualquer interesse, embora seja universal e necessário. Esse ajuizamento não se dá através de um juízo lógico, portanto, não atribui um predicado a um sujeito, mas ocorre a partir de um sentimento de pra-

XVIII “A função que o esquematismo kantiano ainda atribuía ao sujeito, a saber, referir de antemão a multiplicidade sensível aos conceitos fundamentais, é tomada ao sujeito pela indústria” (Adorno & Horkheimer, 2006, p. 103).

zer desinteressado, que pode ser comungado por todos quantos se puserem na presença do referido objeto. Tais características fazem com que o juízo estético seja um juízo paradoxalmente *sem conceito*, oriundo apenas do ‘livre logo da imaginação e do entendimento’, o que, por sua vez, remete a uma finalidade apenas formal delimitada a partir de características da própria coisa avaliada, seja uma obra da bela arte ou um objeto da bela natureza (Duarte, 1998, pp. 327-328).

Segundo essa argumentação, Duarte aproxima a formulação kantiana da “finalidade sem fim”, a característica de desvinculação do interesse prático e material do objeto belo, ao mecanismo psíquico da sublimação, que desvincula, no caso, a pulsão de sua meta imediatamente sexual^{XIX}.

[...] em ambas, há a transposição de algo físico, matérico — pulsão em Freud, ‘interesse’ em Kant — para algo espiritual, abstrato. Embora Adorno e Horkheimer abordem a ‘finalidade sem fim’ kantiana nesse texto, eles não a associam diretamente à sublimação, mas ao conceito marxiano de fetichismo, no sentido de mostrar em que medida o valor de troca se apodera das mercadorias culturais sobre a base da insinuação de uma ausência de valor de uso que se torna, ela própria, valor de uso (Duarte, 1998, p. 328).

Embora não apareça na *Dialética do Esclarecimento*, a formulação da “finalidade sem fim” como próxima da interpretação da obra de arte como produto da sublimação está presente na *Teoria Estética*:

XIX O que pode fazer algum sentido para o objeto belo em Kant, mas também vemos com Laplanche que a sublimação ocorre justamente em vista do interesse prático (*Interesse*, no lado da autoconservação), “não-sexual”, no deslocamento da energia libidinal para as atividades socioculturalmente valorizadas. Adorno, por sua vez, ainda considera a sublimação em seu sentido tradicional, pelo menos ao criticar como ela é considerada pelos psicanalistas, como nos trabalhos de Anna Freud, *cf.* Aforno, 2015, p. 115.

No entanto, o motivo kantiano não é totalmente estranho à teoria psicológica da arte: também para Freud as obras de arte não são imediatamente realizações de desejos, mas transformam a libido em realização socialmente produtiva, em que o valor social da arte persiste às claras incontestado no respeito acrítico da sua validade pública (Adorno, 1970, pp. 21-22).

Entretanto, naquela obra, quando os autores abordam explicitamente a sublimação, interpretam seu impedimento através da repressão, que advém do âmbito socioeconômico, mas é operacionalizada psiquicamente em meio à cultura administrada. Por outro lado, indicam uma possibilidade de libertação cultural através da obra de arte autêntica.

[...] maldosamente, a promessa a que se reduz o espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma, que o convidado deve se contentar com a leitura do cardápio. Ao desejo, excitado por nomes e imagens cheios de brilho, o que enfim se serve é o simples êncômio do quotidiano cinzento ao qual ele queria escapar. De seu lado, as obras de arte tampouco consistiam em exibições sexuais. Todavia, apresentando a renúncia como algo de negativo, elas revogavam por assim dizer a humilhação da pulsão e salvavam aquilo a que se renunciara como algo mediatizado. Eis aí o segredo da sublimação estética: apresentar a satisfação como uma promessa rompida. A indústria cultural não sublima, mas reprime (Adorno & Horkheimer, 2006, p. 115).

Nesse trecho fica ainda mais clara a importância da sublimação, mas agora enquanto sublimação estética, como forma de crítica da cultura. Assim, segundo Duarte, talvez seja esse o motivo dos autores se preocuparem mais com as mudanças trazidas pela forma social e os produtos culturais do capitalismo avançado do que em investigar o próprio processo de sublimação, fruto da metapsicologia de Freud, localizada no contexto de uma fase econômica e política anterior. Dessa maneira, na *Teoria Estética* Adorno considera mais frutífero o uso do conceito de sublimação do ponto de vista psicológico do que na abordagem estética.

E de fato, na *Teoria estética*, Adorno submete o conceito freudiano de sublimação a uma dura crítica, sob a alegação de que ele seria mais frutífero do ponto de vista psicológico do que sob o aspecto estético propriamente dito. Ele acusa não apenas Freud, mas seus seguidores que escreveram ensaios psicanalíticos biográficos sobre artistas, de um filistinismo que se expressa principalmente em abstrair totalmente da qualidade efetivamente estética de suas obras em benefício de um diagnóstico — mesmo que às vezes bastante preciso — do seu estado psíquico (Duarte, 1998, p. 330).

Mas, a investigação psicanalítica da sublimação, no que concerne à relação entre as obras artísticas relevantes e o grande público, mereceu especial atenção de Adorno, desde *Minima Moralia*, para demonstrar o crescente distanciamento entre aquelas esferas e a submissão atual ao propósito do “desempenho socialmente desejável”, como vemos com o aforismo 136. Segundo Duarte, para a interpretação da arte e da dimensão dos fenômenos estéticos, em vez de usar o conceito de sublimação, Adorno opta pelo conceito de *expressão*, por considerar a interpretação dos psicanalistas acerca da arte, através do conceito de sublimação, insuficiente mesmo do ponto de vista simbólico, reduzido à dinâmica pulsional subjetiva. Nesse aforismo, Adorno declara que os artistas não “se encaixam na teoria freudiana, porque falta a esta um conceito adequado de expressão, não obstante seu discernimento do modo de funcionamento do simbolismo do sonho e da neurose” (1993, p. 187). Na expressão, o conflito é exteriorizado de modo imagético, diferente do sintoma que o escamoteia e o falsifica sensivelmente como imitação, movimento que não seria alcançado para o conceito convencional de sublimação.

O que a expressão tem em comum com a repressão [*Verdrängung*] é que nela a moção [*die Regung*] se encontra bloqueada pela realidade. A essa moção, bem como ao complexo inteiro da experiência do qual faz parte, está vedada a comunicação direta com o objeto. Enquanto expressão, ela chega a uma manifestação não-falsificada de si mesma e, deste modo, da resistência, na imitação sensível. Ela é tão forte, que lhe su-

cede modificar-se em uma mera imagem - o preço da sobrevivência -, sem sofrer mutilação ao passar para o exterior. Ela substitui seu objetivo [... *des Zieles*], assim como sua própria “elaboração” pela censura subjetiva, por uma elaboração objetiva: sua revelação polêmica. Isto distingue-a da sublimação: toda expressão bem-sucedida do sujeito é, por assim dizer, um pequeno triunfo sobre o jogo de forças da sua própria psicologia (Adorno, 1993, p. 187).

Entretanto, segundo Duarte, Adorno não voltou a tratar do conceito de expressão “enquanto possível conceito-chave para a psicanálise aplicada à compreensão das obras de arte” (1998, p. 333).

Considerações finais

Assim, a teoria crítica partilha com a psicanálise a defesa do particular frente à dominação universal e a manutenção do direito à não-identidade com o todo. Além do mais, a teoria crítica, sobretudo a partir de Adorno, aprendeu com Freud a recusa às *falsas sínteses*, à concepção de uma cura integral e da normalidade, aceitando em parte o diagnóstico cético da impossibilidade de reconciliação atual entre os interesses do particular e as exigências civilizatórias de repressão pulsional para a existência da coesão social. É o que percebemos em passagens como as que se apresentam em *O Mal-estar na Civilização* (1930), em que Freud mostra sua suspeita em relação à revolução bolchevique, ao mesmo tempo que de maneira geral não descarta a possibilidade de outra forma de organização da vida interior e exterior, ou, poderíamos dizer, de sublimação.

Até aqui podemos muito bem imaginar uma comunidade cultural que consistisse de tais indivíduos duplos, que, libidinalmente saciados consigo mesmos, acham-se ligados pelo trabalho e os interesses em comum. Neste caso, a civilização não precisaria retirar energia

à sexualidade. Esse desejável estado de coisas não existe e nunca existiu, porém (Freud, 2011, pp. 53-54).

Ao fim e ao cabo, a advertência cética cede lugar ao que Freud considera então a “questão decisiva”, isto é, “saber se, e em que medida, a sua evolução cultural poderá controlar as perturbações trazidas à vida em comum pelos instintos humanos de agressão e autodestruição” (2011, p. 93). Esse é o impasse de alcance civilizatório deixado por responder e que faz as vezes de ponto de partida para a teoria crítica vindoura.

Em Adorno é possível ver a apropriação da sublimação como elemento à crítica da indústria cultural. A repressão social e o recalque pulsional, que para Freud eram consequências do rumo que a cultura ocidental havia tomado, mas que, por outro lado, sem as quais a coesão social e a civilização atuais não seriam possíveis, são reconduzidos pelos aparelhos de controle social tecnicamente especializados da indústria cultural, que inclusive, se vale das tendências masoquistas, núcleo da psicologia de massas, acelerando o processo de exploração e de expropriação até o nível intrapsíquico.

Na organização social, nenhuma obra de arte pode se subtrair a seu pertencimento à cultura, mas não existe nenhuma que, sendo mais que mero produto industrial, deixe de voltar para a cultura o gesto de recusa: o fato de ter-se tornado uma obra de arte. A arte é tão hostil à arte quanto o são os artistas. Na renúncia ao objetivo pulsional a arte continua fiel a este, com uma fidelidade que desmascara o que é socialmente desejado, ingenuamente glorificado por Freud como a sublimação que, provavelmente, não existe [*die es wahrscheinlich gar nicht gibt*] (Adorno, 1993, p. 187).

Realmente não é algo simples interpretar as passagens truncadas desse aforismo, muito citado de *Minima Moralia*, quando se trata do conceito de sublimação em Adorno. Todavia, como interpretamos até aqui, o conceito de sublimação é crucial à crítica da cultura, principalmente, não para negar apenas abstratamente os produtos culturais da civilização vigente, as obras da “arte industrial”, mas, em sua negação deter-

minada, para apontar em direção a sua superação. Nesse sentido, a expressão da pulsão em linguagem artística desmascara que o socialmente desejado no capitalismo industrial não permite que a sublimação exista. Ou, como seria melhor traduzido o trecho final: “a sublimação [...] que, provavelmente, não está dada”.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. *Ensaio sobre Psicologia Social e Psicanálise*. São Paulo: Editora UNESP, 2015.
- ADORNO, T. *Minima Moralia: reflexões a partir da vida danificada*. São Paulo, SP: Editora Ática S.A., 1993.
- ADORNO, T. O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição. In: Pensadores. Textos escolhidos: Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. São Paulo: Abril Cultural, 1980, pp. 165-191.
- ADORNO, T. *Teoria Estética*. Lisboa, PT: Edições 70, 1970.
- ADORNO, T & HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.
- CAMARGO, Sílvio. Os Primeiros Anos Da 'Escola De Frankfurt' no Brasil. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 91, p. 105-133, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-64452014000100005>.
- COUTINHO, Carlos Nelson. A Escola de Frankfurt e a Cultura Brasileira. *Presença: Revista de política e cultura*, n. 7, p. 100-112, 1986.
- DUARTE, Rodrigo. Sublimação ou expressão? Um debate sobre arte e psicanálise a partir de Theodor W. Adorno. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 32, n. 02, 1998, p. 319-336.
- FREITAG, B. *A teoria crítica: ontem e hoje*. São Paulo, SP: Editora Brasiliense S.A., 1988.
- FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- HORKHEIMER, M. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: Pensadores. Textos escolhidos: Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. São Paulo: Abril Cultural, 1980, pp. 117-154.
- JAMESON, F. *O marxismo tardio: Adorno, ou a persistência da dialética*. São Paulo, SP: Editora Unesp, 1997.
- JAY, Martin. *A imaginação dialética: história da escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950*. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 2008.

- LAPLANCHE, Jean. *Problemáticas, III: a sublimação*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, J. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEE, Lisa Yun. *Dialectics of the body*. Corporeality in the Philosophy of T. W Adorno. New York: Routledge, 2005.
- LOFFREDO, Ana Maria. *Figuras da Sublimação na Metapsicologia Freudiana*. São Paulo: Escuta, Fapesp, 2014.
- MARCUSE, H. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 1982.
- REICH, W. *Psicologia de Massas do Fascismo*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Teoria Crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro, 2001.
- SAFATLE, V. *Dar corpo ao impossível: o sentido da dialética a partir de Theodor Adorno*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2020.
- WHITEBOOK, J. *Perversion and Utopia: Studies in Psychoanalysis and Critical Theory*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- WHITEBOOK, J. The marriage of Marx and Freud: Critical Theory and psychoanalysis. In: RUSH, F (Org.). *The Cambridge Companion to Critical Theory*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2004, pp. 74-102.
- WHITEBOOK, J. Weighty Objects: On Adorno's Kant-Freud interpretation. In: HUHN, T. *The Cambridge Companion to Adorno*. New York, USA: Cambridge University Press, 2006, pp. 51-78.

Recebido em 31 de janeiro de 2024

Aprovado em 04 de junho de 2024

Publicado em 26 de novembro de 2024

